

ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA



Posse do Membro Titular

Dr. Rubens Belfort Junior

D i s c u r s o s

Rio de Janeiro
Maio ♦ 1999

DIRETORIA DA ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA

Presidente

Jairbas Anacleto Porto

1.º Vice-Presidente

Adair Eiras de Araújo

2.º Vice-Presidente

Fioravanti Alonso di Piero

Secretário Geral

Omar da Rosa Santos

1.º Secretário

Lea Ferreira Camillo-Coura

2.º Secretário

Waldemar Kischinbesky

Tesoureiro

Oriando Marques Vieira

1.º Tesoureiro

Anna Lygia Pinho do Amaral

Orador

Júlio Studart de Moraes

Diretor/Bib./Arq.

Rubem de Andrade Arruda

Diretor Museus

Geraldo Halfeld

Pres. Seção Medicina

Alyσιο de Salles Fonseca

Pres. Seção Cirurgia

Osmar Teixeira Costa

Pres. Seção Ciências Aplicadas à Medicina

Francisco Fialho

Biênio

1997 ♦ 1999

DISCURSO DE SAUDAÇÃO

Prof. Luís César Póvoa

**DISCURSO DE SAUDAÇÃO A
POSSE DE RUBENS BELFORT JR. NA
ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA - 25 DE MAIO DE 1999.**

Saudações.

Após consagrada eleição a esta Casa toma posse esta noite Rubens Belfort Jr., satisfazendo o desejo de uma das figuras mais amadas, apreciadas e respeitadas; a de Paiva Gonçalves, homem com quem, apesar do pouco convívio, aprendi muito com sua postura, seu exemplo e seus livros. Seu desejo pois, querido Dr. Paiva, manifesto na presença de Rinaldo Delamare, do Paivinha, na minha e na de outros acadêmicos, está atendido.

Assustei-me ao receber do Sr. Presidente, por sugestão do eleito, minha designação para recebe-lo em nome de um corpo acadêmico tão mais capaz do que eu. Mas foi um susto agradável, sem duvida! Pois não é meu feitiço nem tenho dotes oratórios para seguir protocolos, falar muito sem dizer nada, mas é fácil falar com o coração através da voz, sobretudo quando esta fala simboliza saudar um amigo.

Há cerca de 10 anos em comitê de Medicina e Cirurgia do CNPq dois paulistas e um carioca implantaram uma metodologia de trabalho, baseada na agitação misturada com firmeza, na alegria misturada com seriedade mas sobretudo em confiança baseada na amizade. Éramos Rubens Belfort, Arthur Beltrame Ribeiro e eu que, desde então nutrimos uma ligação fraternal, em outras missões, que nos levou o idealismo de servir, na CAPES e agora no CONATEM do Ministério da Saúde.

Aí acho, começou o interesse de Rubens Belfort Jr., pela ANM que já premiara seu avô.

Falar da vida profissional de Rubens Belfort Jr. parece-nos desnecessário pois é sobejamente conhecido seu currículo enviado pela primeira vez aos Acadêmicos em CD-Rom, iniciando nova etapa nesta casa que deve lutar sempre para ser pioneira.

No entanto, para os que não o conhecem estamos hoje recebendo um oftalmologista que, sempre procurou a perfeição pessoal, profissional e social ao se tornar mestre e doutor em Imunologia para melhor entender estes fenômenos na área oftalmológica, seu campo de ação, onde atingiu o grau de doutor na UFMG em banca presidida pelo inesquecível confrade Prof. Hilton Rocha. Mais uma vez foi Rubens Belfort procurar o centro de Excelência da época. Daí a livre docente e Professor Titular da Escola Paulista de Medicina, hoje UNIFESP foi um trajeto curto, rápido e em linha reta. Apesar de dispares, todas estas atividades tiveram um denominador comum. Em todas a aprovação se deu com grau máximo ou seja nota 10.

Sua atividade levou-o a fellow da Universidade da Califórnia e ao National Institute of Health onde de estagiário passou a professor visitante.

Até sua candidatura, tinha 122 trabalhos publicados no Brasil, 78 no exterior, 106 capítulos em livros no Brasil e 14 no exterior. Centenas de participações em Congressos mundo afora, inclusive como conferencista inaugural. É professor visitante nos Estados Unidos, na Argentina, Canadá, Chile, México, Itália, Finlândia, França, Japão, Paraguai, Peru, Venezuela, Colômbia, Equador, Porto Rico, Israel, Espanha, Portugal e Líbano.

Bastariam estes Títulos, mais muitos outros existem o que nos permite parafrasear o grande Carlos Chagas que ao terminar seu relatório sobre um pretendente a esta casa disse:

"Deve o candidato ser recebido com jubilo e honras de exceção".
Este é o caso de Rubens Belfort Jr.

Irrequieto, insatisfeito com a injustiça social desde estudante quando se envolveu em idealistas atribuições, persiste Rubens até hoje auxiliando os desafortunados da vida nos projetos da Comunidade Solidária no Rio Pureu nas localidades de Pauini junto com a Universidade São Marcos. Além disto, em missões no Amapá, Xingu, Rondônia, Hospital do Índio na ilha de Bananal, exerceu atividades clínico cirúrgicas que restituíram, talvez o mais importante dos sentidos – a visão a muitos já acostumados às trevas do meio dia e sem esperança. Atualmente é gestor do programa "Olho Diabético" em São Paulo prevenindo a tão malfadada cegueira conseqüente a este processo mórbido.

Vejam pois colegas, que é fácil receber com o coração um homem deste jaez, que irá enriquecer nossa bancada.

Este processo de tornar a Academia cada vez mais nacional com indivíduos não acomodados como este, vai nos permitir enfrentar nesta virada de século, este mundo novo, admirável sobre alguns aspectos e execrável sem dúvida, sobre outros.

Hoje, com um enorme Departamento que além de Acadêmico, presta serviços à comunidade, vai Rubens Belfort fazer um MBA em saúde para melhor administrá-lo. É a busca incessante da perfeição e, repito, sua presença, além de honrar, muito nos beneficiará.

Assim, esta casa tem que voltar a ser o principal fórum das discussões dos problemas médicos, trazendo quaisquer pessoas, médicos ou não, para aqui discutir os problemas nacionais que nos afetam, vilipendiando nossa profissão e afastando-a, com

enormes prejuízos, muitos dos quais já irreversíveis, do grande objetivo alvo de nossa atividade-fim: – o paciente.

“Saúde para todos no ano 2000” – Declaração da OMS em Alma-Ata há uma década. “Saúde é um direito de todos e um dever do Estado” – Constituição Brasileira de 1988. Frases de efeito porem difícilimas de traduzirem a verdade, tão grande são os problemas. O ano 2000 aí está e estamos longe destas metas.

Em 2 de julho de 1927 o Presidente perpétuo desta Casa Miguel Couto faz um discurso cujo título é “No Brasil só existe um problema Nacional – A Educação”. Será que mudou alguma coisa? acho que não, os outros são sub produtos.

Iniciemos pela qualidade do sistema formador totalmente inadequado ao utilizador. A tão necessária autonomia universitária tem sido utilizada de forma maléfica para abrir novas Escolas de Medicina sem nenhum controle da qualidade do Ensino. E no ano 2002 quando aqui valerão os diplomas do Mercosul, o que haverá ? É um assunto que, já é um enorme problema em comunidades evoluídas como a européia e aqui ninguém discute o problema. Acredito que à semelhança da OAB só o exame de capacitação para o registro nos Conselhos, exame este até mesmo periódico para a manutenção da licença de medicar, pois só a Medicina, a mais sublime das profissões gerou uma tecnologia que lhe da poder sobre a vida e a morte, devendo pois seus executores, serem permanentemente fiscalizados quanto à sua capacidade e postura ética. Também na pós graduação na CAPES lutamos muito, Rubens e eu contra o mestrado de 360 horas na área da saúde e fomos derrotados. Hoje abundam neste país os mestrados de fim de semana. Aliás nunca vi tal título nas áreas clínicas ou cirúrgicas fora do Brasil. Nunca vi um “Master on Endocrinology ou Ophthalmology”.

Discutir e se posicionar sobre este tema é uma atribuição desta Academia!

E quanto a Ética, que se tornou um artigo supérfluo e até de luxo, submetida a pressões e até taxações de grupos econômicos, e mesmo do Governo, quando estabeleceu remuneração vil aos procedimentos e salários, inibindo a qualidade e estimulando a quantidade. Recentemente neste auditório levantamos o problema da propaganda anti-ética não só de medicamentos assim como de procedimentos médicos. Anunciam-se e vendem-se pelos meios de comunicação placebos milagrosos, adesivos emagrecedores, pomadas fantásticas e quem os julga é um conselho de Propaganda, o CONAR, e não as autoridades médicas. Parece incrível mais é verdadeiro.

O poderio econômico e o volume de dinheiro que envolveu nossa atividade, levou até ao Sr. Bob Dole, candidato a Presidência da República dos USA a fazer propaganda de medicamentos para disfunção erétil. Clínicas de cirurgia oftalmológica oferecem milhas de vôo a seus usuários. Óvulos são oferecidos e ou solicitados pela semelhança dos receptores por dinheiro e, quem sabe se por excesso de estoque teremos em breve uma liquidação de espermatozoides louros? Seria cômico se não fosse profundamente triste pois os doadores são remunerados. Precisamos assumir o controle ético desta propaganda que tão somente avilta a nossa profissão. Será sempre ética, pergunto eu, a postura de um médico cuja função principal é economizar a utilização do Sistema Assistencial de uma empresa Seguradora, diminuindo seus gastos, por vezes em prejuízo do paciente, base do "managed care"? Não responderia afirmativamente! Se estes problemas são difíceis, mas não complexos de serem resolvidos, caso haja decisão política firme, temos que nos preparar para

discutir e nos posicionarmos em relação a problemas mais complexos da Bioética nesta virada de século. Tão importante que, a UNESCO, criou um comitê de Bioética e a Declaração Universal Genoma e Direitos Humanos em 25 de julho de 1997.

O projeto Genoma, para ciência dos leigos, é o maior projeto de biologia humana da história, devendo ficar pronto no ano 2005, chegando o seu custo a 2 bilhões de dólares, realizado em dezenas de centros, em diversos países, inclusive o Brasil com o Prof. Sérgio Pena em MG, e que se propõe a mapear os quase 100.000 genes da espécie humana permitindo a detecção de alterações genéticas e, quem sabe, no futuro sua correção.

Qual será a posição da Sociedade, do Estado, do médico em procurar atender, assistir e até mesmo tentar curar indivíduos geneticamente predispostos ainda sadios. Teremos o direito de, se possível, intervir no genoma de um ser humano de forma experimental? Deverão ser estes indivíduos predispostos ainda saudáveis serem atendidos pelo Estado e ou pelos Planos de Assistência ?

Serão estes indivíduos aceitos para qualquer tipo de atividade laborativa ? Já existem radicais, defendendo a simples eliminação destes embriões, pré doentes, poderíamos assim classificar, assim como o uso em pesquisa de embriões normais não utilizados.

Esta discussão que apenas se esboça é infinita. É sem dúvida senhores a herança da humanidade que terá de ser analisada.

Discutir e se posicionar sobre este tema é uma atribuição de nossa Academia!

Precisamos, neste limiar do século preocuparmo-nos com aspectos auxiliares fundamentais da medicina como a informática.

Não adianta termos bons carros se não temos boas estradas. É importante que haja um computador em cada sala de aula, em cada consultório. A Internet e a digitalização modificaram o conceito de biblioteca, comunicação, arquivo e permitiu que pela primeira vez o ser humano possa manipular informações, de forma extremamente veloz mas para isto é preciso que esteja preparado. E só vamos ter uma sociedade preparada para tal se tivermos máquinas baratas, se ao desembarcarmos nos aeroportos com laptops, não sejamos rotulados de contrabandistas, pois nestas máquinas trazemos em sua memória tão somente as informações que colhemos durante a viagem e que utilizaremos em benefício de nosso paciente e conseqüentemente para o País. Não se faz medicina de boa qualidade sem informática. Precisamos, em nome do desenvolvimento social deste país, pressionar o Governo para mudança da política nesta área e podemos começar esta mobilização pela Medicina.

Discutir e se posicionar sobre este tema é uma atribuição de nossa Academia !

Porque não reunir aqui os médicos dos Poderes Legislativo e Executivo para discuti-los conosco ?

Este paulista com espírito tão carioca, que hoje aqui chega, de tão acadêmico escolheu uma ex-aluna, também carioca como musa inspiradora de suas atividades. Myrian, colega e esposa dedicada, compreensiva e sobretudo paciente com a agitação permanente de Rubens é seu estímulo. A seus 4 filhos Rubens, Fernanda, Fernando e Raquel deixa o pai um exemplo de honra, dignidade e competência para orgulho mútuo.

Finalizando é preciso reverter esta situação, que não é novidade, e foi resolvida em outros países por decisão política corajosa, haja visto a situação do USA no início do século, corrigida com o relatório Flexner. Se retornarmos à Platão em Politeia escrita há 400 AC veremos ser ainda mais antiga: "Quando docentes em vez de levarem seus estudantes com mão segura ao caminho certo, se sentem atemorizados diante deles e se admiram com o desprezo que os alunos lhes devotam, quando os inexperientes ousam nivelar-se aos mais velhos e experientes, enfrentando-os com palavras e ações, enquanto os velhos misturam-se à juventude no intuito de obter agrado fácil, ignorando ou mesmo participando de seus delitos na intenção de assim parecerem nem caducos nem autoritários. Quando a juventude, desviada de rota apropriada, se sente reprimida, revoltando-se contra as obrigações mais mezinhas que ninguém lhes ensinou a obedecer, aos ditames fundamentais para a convivência social, impõe-se o máximo cuidado: a tirania bate às portas" .

Precisamos nesta virada do Século, agir com firmeza enquanto cidadãos, enquanto acadêmicos e sobretudo enquanto médicos. Pois, o jurista, dizia Fernando Magalhães, orador brilhante e expoente de nossa Medicina, codifica regras de defesa do fraco e do perseguido, mas também redige os tratados secretos de interesse e hostilidade, pleiteia o direito dos homens mas concebe as leis marciais. Os políticos dividem o pensamento humano em teorias e preconceitos, ideais e dogmas, partidos e seitas, algumas boas e outras nefastas. Só a filantropia, sublimação da velha arte de curar, acolhendo o fraco, o doente, o abandonado, não se contradiz na restrição e no egoísmo, não se diminui na desconfiança e na indiferença, não se auxilia na antipatia, não se resolve no ódio e no extermínio.

Esta é a Medicina que sonhamos e esperamos atingir, querido amigo Prof. Rubens Belfort Jr. e tenho certeza que juntos nesta Casa todos andaremos de mãos dadas pelas mesmas estradas, pois temos os mesmos ideais. Sede bem-vindo.

DISCURSO DE POSSE

Dr. Rubens Belfort Jr.

Ilmo. Sr.
Acadêmico Jarbas Porto
DD Presidente da Academia
Nacional de Medicina

Ilustríssimos Membros da Mesa Diretora
Senhores Acadêmicos
Minhas senhoras, meus senhores,

Profundamente emocionado e honrado, venho assumir a cadeira 64 da Academia Nacional de Medicina, antiga Academia Imperial de Medicina, nesta tradicional sessão de posse, diante de tão ilustres acadêmicos, autoridades, amigos, familiares e inclusive meus filhos Raquel, Fernando, Fernanda e Rubens.

Estar aqui hoje é um grande privilégio e uma grande responsabilidade.

Diante da honraria descabida ao meu tamanho e importância, esta homenagem assusta e até a modéstia é pretensiosa.

Aceito-a, deixando claro que é o espírito acadêmico existente em todos nós o que prevalece, e não a efêmera pessoa do empossado, apenas momentaneamente enfocada.

Perdoem-me, já de início, senhoras e senhores, a falta de citações inteligentes e cultas que normalmente tanto embelezam os discursos nessas ocasiões. Mas minhas emoções recusam-se a comprometer a espontaneidade e a sinceridade de meus sentimentos pela graça ou estilo, e dar-lhes falsa impressão de uma suposta intelectualidade.

Numa cerimônia como a de hoje, ao evocar o passado, e os avaliar e sonhar com o futuro é praticamente impossível não tecer considerações sobre a imortalidade institucional e cultural desta Academia. Imortalidade já reverenciada muito antes de Sócrates comprar um terreno de Academus e lá construir o que veio a chamar-se Academia. Triste ironia: mais que o filósofo foi o proprietário da terra quem foi imortalizado, representando a cristalização do pensamento e do saber perene. Pois os homens anseiam terrivelmente pela perenidade.

Perenidade não apenas espiritual mas física. É a imortalidade, a saúde perfeita, o grande desafio da Medicina. Nós médicos temos este compromisso mais amplo que pretender a própria imortalidade. Nosso objetivo final é alcançar o que hoje continua sendo sonho; o sonho delirante que poucos têm mesmo a coragem de exprimir, sequer intuir. Impossível de conceber? A imortalidade, para todos. O controle e cura das doenças, a prevenção e correção de todos os mecanismos de envelhecimento e de degeneração. Mas por enquanto temos de nos ater à imortalidade muito transitória de nomes em praças públicas e ruas, em designações de doenças ou síndromes, ou a abstrata e coletiva de instituições.

Filho e neto de oftalmologistas, bisneto do engenheiro astrônomo que em 1900 presidia a Academia de Ciências de São Paulo e tetraneto de um humilde professor de história universal, nascido em São Luiz do Maranhão à época em que esta Academia foi fundada, aprendi, desde cedo, a conhecer e respeitar a Academia e em particular, a tradicional Academia Nacional de Medicina. Tradicional e, tão bem definida pelo grande acadêmico Rinaldo de Lamare, como a transmissão dos valores espirituais e normas cerimoniais

por gerações sucessivas. Tradição que não rejeita a entrada dos progressos recentes, mas que os recebe festivamente, enriquecendo seu patrimônio e fortalecendo sua existência.

Ainda criança ouvia de meus pais a história sobre a medalha com que meu avô, em 1933, foi agraciado nesta casa pelo Prêmio Moura Brasil e sobre sua recusa de recebê-la das mãos do então presidente Getúlio Vargas, presente à sessão, e que poucos meses antes havia temporariamente subjugado os ideais constitucionalistas paulistas. Preferiu recebê-la de quem respeitava, ou seja, do presidente da Academia Nacional de Medicina.

Esta medalha usada apenas naquela oportunidade foi carinhosamente guardada por meus avós e pais por 66 anos e hoje, recebida novamente através do presidente da Academia Nacional de Medicina, está em meu peito, em homenagem e respeito ao espírito acadêmico. Posso até sentir a alegria de meu avô e de meu pai.

Absolutamente única, a fascinante história da Academia Nacional de Medicina, por demais rica, merece ser lembrada e reverenciada.

Nascida à mesma época do primeiro estado brasileiro, foi fundada em 1829 e logo trouxe identidade à nossa medicina.

Desde então, ao longo de 170 anos, de acordo com seus estatutos, luta e contribui para a melhoria do exercício da medicina e colabora com o governo em questões de saúde e educação médica.

Desde 1831 publica os Anais da Academia Nacional de Medicina e até hoje, inclusive, admitiu 598 membros titulares em suas atuais

100 cadeiras (40 em Medicina Cirúrgica, 40 em Medicina Clínica e 20 em Ciências aplicadas à Medicina).

O alto prestígio da Academia Nacional de Medicina, junto à sociedade brasileira e ao governo, vem de longe, desde D. Pedro I, passando por D. Pedro II, assíduo freqüentador das sessões, presidentes das duas repúblicas, e inclui o presidente Fernando Henrique Cardoso, atual presidente honorário e seus vice-presidentes honorários, ministros da Saúde e Educação.

A lista dos acadêmicos iniciada há 170 anos mostra os maiores nomes da medicina brasileira e nossa tradição médica.

Representando todos eles, gostaria de homenagear os 18 oftalmologistas que me antecederam nesta casa, como modelos e exemplos.

Carron Du Villards, Anatólio Ramage, Pires Ferreira, José Cardoso Moura Brasil, Guedes de Mello, José Antonio Abreu Fialho, Neves da Rocha, Gabriel de Andrade, Edilberto Campos, Nelson Moura Brasil, Silvio Abreu Fialho, Caldas Brito, Carlos Paiva Gonçalves, Antonio Paulo Filho, Hilton Rocha, Paiva Gonçalves Filho, Luiz Eurico Ferreira e Werther Duque Estrada.

Estão aqui presentes Antonio Paulo Filho, Paiva Gonçalves Filho e Werther Duque Estrada. A eles meu particular agradecimento pela benevolente análise de meu Memorial e Memória apresentados à

Academia Nacional de Medicina, por ocasião de minha solicitação de ingresso .

São todos nomes conhecidos por suas qualidades profissionais, docentes e intelectuais que tanto estimularam a formação de novas gerações.

Este sempre foi também o espírito da Academia Nacional de Medicina, exemplificado no Prêmio Moura Brasil, instituído em 1925 por Gabriel de Andrade para o melhor trabalho original em oftalmologia, "no valor de um diploma, uma medalha e um conto de réis" e que teve, de 1928 a 1964, 17 premiados. Destes, dois com grande importância afetiva para mim.

O de 1930, meu avô, Waldemar Belfort Mattos, com o trabalho "10 Anos de Cirurgia Ocular", e o de 1964, Paiva Gonçalves Filho, com "Sinais Oculares dos Aneurismas Intracranianos".

Coincidência aleatória tornou-me o quarto oftalmologista sucessivo a ocupar esta cadeira da Academia Nacional de Medicina, o que torna minha satisfação exponencial ao prestar a tradicional homenagem ao patrono Guedes de Mello e aos seus sucessores Edilberto Campos e Carlos Paiva Gonçalves. Homenagem que cristaliza a imortalidade acadêmica.

Henrique Guedes de Mello nasceu em Recife em 1857; formou-se médico no Rio de Janeiro e após estágio em Paris, onde foi assistente de Landolt, voltou ao Rio de Janeiro, destacando-se como médico e intelectual; fundou a nossa primeira revista de

oftalmologia e a Cruz Vermelha Brasileira. Em 1897 foi eleito para esta Academia com o trabalho "Patogenia da Diabete Sacarina".

Foi substituído em 1929 por Edilberto Campos, outro inteligente nordestino, de Sergipe, nascido em 1883, eleito com a monografia "Acidentes de Operação de Catarata" e fundador da Revista Brasileira de Oftalmologia. Ocupou dignamente sua cadeira até 1962, sendo substituído por meu antecessor, Carlos Paiva Gonçalves.

O professor Carlos Paiva Gonçalves, fundador de uma estirpe oftalmológica que há mais de 70 anos participa da liderança oftalmológica brasileira e aqui presente hoje através de seu filho único, acadêmico professor Carlos Paiva Gonçalves Filho e seu neto Dr. Carlos Roberto Paiva Gonçalves, atual presidente da Sociedade Brasileira de Laser e Cirurgia em Oftalmologia.

Carlos Paiva Gonçalves nasceu no Rio de Janeiro em 1904 e em seus 93 anos de vida acumulou mais que os títulos acadêmicos e médicos.

Escritor, intelectual, defensor de idéias libertárias, participou ativamente da II Guerra Mundial, liderando nossa medicina militar.

Regeu as três cátedras de oftalmologia existentes à época no Rio de Janeiro, publicou 23 monografias, 12 livros e uma centena de artigos científicos que incluem desde "Normas Terapêuticas em Ataques Atômicos" e "Oftalmologia Militar e de Guerra" até o livro "Oftalmologia", que por mais de oito edições destaca-se como a mais importante obra sobre oftalmologia para estudantes brasileiros de medicina.

Homem de muitos e grandes amigos, incluindo as melhores e mais inteligentes cabeças da medicina brasileira, não os fez por acaso.

Excedeu rapidamente o campo da oftalmologia, a ciência e arte médica, dedicando-se e expandindo-se na literatura e poesia. Sei do respeito, carinho e saudade que deixou em sua família, na oftalmologia e também aqui na Academia. Amigo de todas as idades. É o acadêmico Rinaldo de Lamare, ex-presidente da Academia Nacional de Medicina e uma de suas maiores figuras em todo este século, que carinhosamente lembra uma das frases favoritas de Carlos Paiva Gonçalves: *"Nunca envelhecem os que não abandonam seus ideais"*.

Meu convívio ainda recente, mas felizmente crescente nesta casa com os senhores acadêmicos, comprova a assertiva.

É o acadêmico Sérgio Aguinaga, também grande ex-presidente desta casa, seu amigo e admirador e já meu conselheiro, quem ensina:

Para bem compreender o espírito de Paiva Gonçalves leia-se "Ante Primeiras Considerações" no seu livro O direito e o avesso da velhice. São essas as palavras. "Depois de muito haver caminhado pela estrada da vida, a vencer dificuldades e obstáculos jamais pensados, de conquistar o que tampouco previra, acabei convicto de não terem sido vãos os meus esforços e que os fados me não foram desfavoráveis, nem sequer me mentiram. Vindo ao mundo nos anos primeiros deste século, privilegiadamente venho assistindo aos extraordinários avanços tecnológicos e deles me beneficiando enquanto, de maneira compulsória, partilho extensas e profundas transformações sócio-culturais e econômicas que nele continuamente vêm se processando".

E segue Aguinaga:

"Paiva Gonçalves assim o fez, tanto que me permito acrescentar mais um tópico-nome em seu livro - *Não passaram pela vida em branca nuvem*, acrescentando o seu e ainda dizendo: *Paiva Gonçalves não passou em branca nuvem, mas vive e sobrevive em uma delas, branca como a sua vida e sólida pela lembrança e saudade que a ele dedicamos*. Acrescento ainda: E vive também nesta Academia, na universidade e na oftalmologia.

O cerimonial desta tradicional sessão de posse é gentil com o novo acadêmico, permitindo-lhe a escolha de quem o recebe e apresenta. A minha decisão foi difícil pois poderia escolher dentre os acadêmicos, todos seguramente cultos e capazes, vários com quem tive o privilégio do convívio prévio.

O querido professor e amigo Oswaldo Ramos, único professor da Escola Paulista de Medicina na Academia Nacional de Medicina, encabeçou a lista.

Nestes 30 anos foi a pessoa que mais influenciou a mim e todas essas gerações de médicos professores. Por sua competência médica, docente e científica, e pelos seus posicionamentos éticos e políticos, norteou a nós todos, pessoas e instituições, e a todos ainda lidera com sua lucidez e seu idealismo contagioso.

Na semana de minha eleição para a Academia Nacional de Medicina fui pedir-lhe socorro; não eleitoral, pois além de candidato único era tratado pelos acadêmicos desta casa com grande benevolência e estima.

Flagrei-me pedindo-lhe para estar aqui presente, e ouvindo de minha boca o que meus ouvidos jamais esquecerão:

"Oswaldo, já não tenho pai e nunca tive irmão na medicina. Você também lá, para mim representa os dois". Tem sido assim para nós todos na Escola Paulista de Medicina e inteligentemente, minha universidade, com altivez, recusou-se a aceitar a estúpida imposição de aposentá-lo, e o mantém ativamente como nosso professor.

Mas não quis ser apresentado à Academia Nacional de Medicina por um paulista, porque aqui não quero ser um paulista pior, melhor ou igual. Aqui, perde-se a naturalidade e até mesmo a nacionalidade, pela universalidade.

Também poderiam ter sido escolhidos Werther Duque Estrada, brilhante professor e acadêmico, meu companheiro e de meu pai, e a quem tive a honra de suceder na Associação Pan-Americana de Oftalmologia, Academia Oftalmológica Internacional e agora na Sociedade Francesa de Oftalmologia, e o grande Carlos Paiva Gonçalves Filho, o maior oftalmologista e liderança de sua geração, professor de muitas faculdades e professores. Meu professor também de oftalmologia, de medicina e meu companheiro de trinta anos no Conselho Brasileiro de Oftalmologia, do qual foi um de seus maiores presidentes.

O professor Carlos Paiva Gonçalves Filho, meu contemporâneo, estaria hoje no dia de seu aniversário, recebendo na Academia quem seu pai sugeriu para substituí-lo e lhe é eternamente grato. Paiva Gonçalves Filho declinou da escolha, mas não da responsabilidade e indicou-me Luiz César Póvoa.

Eu concordei, pela magnitude do nome sugerido e também porque preferi não escolher um oftalmologista pois a especialidade perde a importância nesta grandiosa Academia. A escolha acertada do acadêmico Luiz César Póvoa veio naturalmente, após aconselhar-me com o acadêmico Rinaldo de Lamare.

Querido amigo Luiz César Póvoa:

Muito obrigado por suas palavras e benevolência.

Você e Paiva Gonçalves Filho, ambos meus irmãos na medicina e na vida, fizeram-se agora também irmãos nesta Academia.

Vocês trouxeram-me aqui. Ensinarão o caminho, apresentaram-me a seus pares, comprometeram-se por mim.

Mais que as glórias, o passado e o presente da Academia mostraram-me as obrigações do acadêmico e a importância da Academia Nacional de Medicina no futuro da medicina brasileira e, mais ainda, dentro dos blocos supranacionais que se delineiam no futuro

Conhecemo-nos há quase 15 anos, quando, eleitos pela Comunidade Científica Brasileira, você e o Artur Ribeiro foram representar a área de clínica médica e eu a área de cirurgia no CNPq. A amizade logo se estabeleceu e os anjos permitam que perdure em nossas vidas

Sua inteligência e altivez logo impressionaram, mas foram seu desprendimento e idealismo que me conquistaram. Anos mais tarde nos reencontramos na Capes e em seguida em comissões do Ministério da Saúde, onde você substituiu outro brilhante idealista, acadêmico e amigo o professor Roberto Soares de Moura.

Nossa amizade se fortaleceu pela convivência com vários outros brilhantes colegas em decorrência de muitas lutas no embate por nossas idéias, contra ou a favor de governos, pelo futuro, pela decência, contra a ineficiência e a corrupção financeira, moral e ética. Exemplo de despreendimento, seu ânimo, cultura e humor tornam nossas jornadas mais suportáveis.

Póvoa: o mundo precisa muito de mais pessoas como você

A Academia corre em seu sangue pois você é o décimo primeiro membro da família aqui presente e dela faz parte desde os 46 anos de idade.

Corre em seu sangue também a medicina, a universidade, a sociedade brasileira e a condição humana. Médico, pensador e pesquisador, você percebeu a importância de também construir e realizar, o que vem fazendo de maneira exemplar.

Obrigado pelo canto que você proferiu e pelo que reservou em seu coração, para mim e em companhia de tantos outros que, como eu, o reverenciam e se orgulham de sua amizade.

Quero repartir a glória desta cerimônia com todos que trabalham comigo no Instituto da Visão e Departamento de Oftalmologia da Escola Paulista de Medicina - UNIFESP. A todos e a cada um dos professores, médicos, tecnólogos e demais funcionários, presentes e falecidos (principalmente meu pai, "professor sem cátedra", como dizia Hilton Rocha) , componentes desta grandiosa orquestra, onde os músicos são também maestros e podem se dar ao luxo de trocar de posição, conforme a música, aprimorando o desempenho.

E em especial à doutora Cristina Muccioli e ao doutor Lincoln de Freitas, pela co-autoria do trabalho que deu origem à monografia, à doutora Ana Luisa H. de Lima e ao doutor José Carlos Reys, atuais chefes do Departamento de Oftalmologia e Instituto da Visão da Escola Paulista de Medicina.

A todos que desde 1933 mantêm na Escola Paulista de Medicina o ambiente de modernidade fértil e propício ao ensino, à pesquisa e assistência médica. Dr. Hélio Egydio Nogueira, nosso Magnífico Reitor, aqui presente, o qual mais que simbolizar encarna este espírito empreendedor

Sou o produto da Escola Paulista de Medicina e da universidade pública. Lembro-me aos seis anos de idade, ajudando meu pai durante os fins de semana a segurar lindos coelhos brancos, de olhos vermelhos e inflamados nos pátios da Escola Paulista e do Hospital São Paulo.

Seis anos de graduação, além da letra fria no papel, graças ao rico ambiente daquela instituição ensinaram-me mais que medicina, aprimoraram-me para ser médico e para viver a medicina e no Brasil. Todos os meus aprendizados no exterior apenas consolidaram o que recebi na Escola Paulista de Medicina.

Minha vivência universitária foi intensa e mostrou-me o Brasil, a importância da universidade e a perversidade da nossa sociedade. A ditadura e a polícia que me levaram à prisão terminaram por forjar compromissos, conceitos e amizades perenes.

Duas vezes ameaçado de expulsão da Universidade por subversão, como discente e docente, na Escola Paulista de Medicina encontrei

o apoio indispensável. Nestes últimos anos acompanhei todos os seus malabarismos criativos para continuar a crescer, apesar dos cortes orçamentários e de pessoal.

Saimos do campus, do ambiente tradicional, criamos institutos, órgãos complementares e suplementares.

Incapazes sequer de cumprir nossos objetivos locais, aventuramos-nos paradoxalmente em outros lugares tão distantes, como Alagoas, Parque Nacional do Xingu, Amapá e Amazonas, com função didática, de investigação científica e de prestação de serviços médicos em massa e alto nível.

Gostaria de citar alguns dos nossos exemplos:

O estado do Amapá passou de 4 para 580 cirurgias de catarata/ano e ainda este ano realizaremos o tratamento de retinopatia diabética com laser, pelo SUS, na cidade de Macapá, de todos os pacientes necessitados. Assim, levaremos ao Amapá o "Mutirão Olho Diabético" que iniciamos em São Paulo em 1998, sob a liderança do Dr. Michel Eid Farah, e que examina mais de 1.000 diabéticos por mês realizando tratamento de fotocoagulação com laser em todos os necessitados. O mais fantástico deste trabalho é vê-lo programado e realizado por médicos de menos de 35 anos de idade, provavelmente despertos para a beleza e a necessidade do trabalho comunitário por toda a vida.

Em 1998 ousamos nos envolver no Programa da Comunidade Solidária e prestar atendimento oftalmológico em Pauini (no alto do rio Pureus, sudoeste do Amazonas), campeão de analfabetismo (71%), município maior que o Estado de Alagoas.

E o mais chocante: muitos dos brasileiros de mais de cinquenta anos que examinamos nunca haviam visto um médico em toda a vida

A universidade e o hospital universitário têm de fazer, mostrar o que fazem e corresponder às demandas. Sobram recursos econômicos quando a alma e o ânimo são fortes.

Nosso Hospital São Paulo, apesar de superlotado, subdotado e aquém do necessário, realizará ainda este mês duzentas cirurgias de catarata, em um só dia demonstrando à sociedade que, sim, é possível inovar e ajudar a resolver problemas sociais.

Sabe-se que a medicina, a universidade e o sistema de saúde estão em crise. Pior, que os mecanismos financiadores e de gestão estão exauridos. Pois bem. Em muitas línguas, e talvez não seja por acaso, crise e criação são palavras semelhantes.

Crise significa oportunidade.

Fruto da universidade pública, sou o primeiro a admitir suas falhas e anacronismos, a imperiosa necessidade de aumentar sua eficiência, até para fazer frente à ameaça salutar da concorrência das instituições privadas e estrangeiras.

Muitos estabelecimentos universitários privados são arapucas que enganam os clientes e alunos, mas também existem exceções cada vez mais numerosas e excelentes médicos estão sendo preparados por muitas destas instituições. Pior, muito pior, muitas universidades públicas são também arapucas onde os recursos são desperdiçados há décadas pela falta de liderança política e incompetência gerencial.

Quase todos os hospitais e universidades públicos têm grandes quadros, em número e qualidade, mas com pouco ou nenhum envolvimento real. O governo finge que paga e o funcionário finge que trabalha. Dane-se o aluno. Comprometa-se o futuro. Salve o corporativismo. O problema é complexo e antigo, mas parece que a sociedade brasileira não agüenta mais a farsa.

Não adianta reclamar e reivindicar. A questão não é apenas salarial, mas de concepção e estrutura. Faltam visionários. Sobram timidez e mesquinhez.

Sem dúvida um grande grupo de médicos no país ganha pouco e menos que o razoável. Também entre os médicos há uma perversa distribuição de renda. Infelizmente muitos médicos e professores, supostamente envolvidos na formação de novas gerações, dedicam-se cada vez mais apenas a seus consultórios e áreas de maior lucratividade; alguns com apetite predador insaciável, deturpando a prática da medicina, a imagem do médico, deformando as novas gerações e vagabundeando pelo serviço público, usando-o em seu único e próprio proveito.

Não é apenas o álcool que, em excesso, pode fazer mal à saúde e à prática da medicina e à sociedade. Também o dinheiro, a avidez pelo lucro e a necessidade monetária crescente desarmonizam a personalidade e o trabalho médico. Muitos médicos têm a lucrologia como sua verdadeira, triste e doentia especialidade.

A elite brasileira é pequena quantitativamente e qualitativamente ruim. Elite que há muitas gerações é parcialmente mantida às custas da impossibilidade de a maioria da população ascender cultural, social e economicamente. São mais de 80 milhões de brasileiros excluídos da sociedade e cada vez mais pressionados.

Seria fácil se a saída fosse a blindagem de automóveis e a construção de prisões, condomínios e muros altos. Isso jamais bastará. Ainda que por egoísmo, para que nossos filhos tenham um lugar para viver, precisamos mudar esta situação.

Não é só a classe D que é violenta e mata.

As classes ditas superiores também são violentas e a perversidade da distribuição de renda é a grande violência nacional.

O terrível imposto da inflação, cobrado por mais de vinte anos dos paupérrimos em benefício das classes média e alta, nos trouxe próximos à ruptura social e a curtos passos da Colômbia.

Mas, não precisamos, não devemos e não temos o direito ao pessimismo. O país caminha e precisa do apoio de todos na direção correta. Nossa obrigação é alcançar os que têm o poder, ensinar, discutir, convencer, mas também, o mais importante, dar exemplos e tentar realizá-los.

Temos de participar, de viver a sociedade brasileira, como cidadãos.

Acredito que a Academia Nacional de Medicina pode continuar a ter o papel relevante na medicina brasileira, pela competência, prestígio de seus membros e ausência de corporativismo e subserviência aos mecanismos oportunistas de manutenção do poder, onde se deixa de lutar pelo que é melhor para o país para defender o que, sendo melhor para os associados, garante a defesa da classe e a manutenção do poder naquela entidade.

A análise objetiva da realidade universitária e médica nacional pode ter efeito desmoralizante se não estiver associada à paixão do ideal

de trazer o melhor da medicina para todos, não aceitando justificativas paralizantes e indo além da defesa mesquinha, oportunista e ambílope dos interesses da classe dominante

Novos paradigmas podem equacionar problemas insolúveis e por isso são necessários.

A universidade não sobreviveu a todos estes séculos para vir morrer entre nós. A visão e a ação de visionários sempre a trouxeram pelos caminhos certos. Se fracassarmos agora será apenas por nossa incompetência, pois inimigos colossais sempre foram o dia-a-dia da universidade.

Para terminar, quero dirigir-me ao que tenho de mais precioso. meu passado, meu presente e meu futuro, todos presentes em minha família.

Tive pais tão maravilhosos que me fizeram crescer como se não lhes devesse nada.

Meu pai, se estivesse vivo, diria e até acreditaria não ter mérito algum neste acontecimento e que aconteceu o que sempre deve acontecer: que o aluno suplante o bom professor.

E, como minha mãe provavelmente está pensando agora, diria "sempre se pode e se precisa ir mais longe".

E completaria: "O Brasil precisa disso".

Quero agradecer muito à minha mãe, aqui presente, por tudo que ela, meu pai e meus avós fizeram por mim. Deles recebi apoio, firmeza, amor e transmissão dos valores justos. Mesmo nas horas mais difíceis que um aluno ruim, como muitas vezes fui, causa desânimo nos pais, eles continuaram acreditando em mim.

Quando estive preso pela ditadura me ampararam. Quando meu irmão, perseguido mortalmente pela mesma ditadura, teve que abandonar o país, exilado por muito tempo, sempre continuaram acreditando em nós, no futuro e no Brasil.

A vida sempre foi muito bondosa comigo; deu-me muito mais que do que o razoável e merecido também em amigos e família.

Deu-me a Myrian, minha mulher, meu parâmetro de realidade, apaixonada e maravilhosa companheira nas viagens da vida, que sempre me dá muito mais do que recebe e recebe menos do que merece, nesta vida que me imponho.

Deu-me também, o maior dos prêmios: quatro filhos tão diferentes e tão igualmente maravilhosos. Filhos que nunca me obrigaram a nada. Que possam ser mais felizes ainda que nós, vivendo em um Brasil e um mundo melhores, cercados de pessoas menos miseráveis e mais felizes também.

Espero ter competência para portar-me à altura das responsabilidades que tenho como médico, como parte desta minoria privilegiadíssima deste país, e agora como acadêmico.

E que esta Academia continue sempre brilhante, vigilante e atuante nas questões de saúde, medicina e cultura médica, orientando e educando. Atenta à universidade, à sociedade e ao governo, à medicina do presente e do futuro, sempre em benefício de todos e de cada um, mas principalmente dos que nada ou pouco têm.